



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Brasil

Scotti, Sérgio

Culpa e gozo, psicanálise e literatura

Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 16, núm. 1, 2003, pp. 217-221

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18816122>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## Culpa e Gozo, Psicanálise e Literatura

Sérgio Scotti<sup>1</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina

### Resumo

Neste artigo faz-se uma releitura do conhecido trabalho de Freud, *Dostoyevski e o parricídio* (1927), a partir da qual Lacan realiza sobre a culpa em seu Seminário V, *As formações do inconsciente*. A suposta epilepsia do escritor russo, que teria sido provocada por sua identificação com o pai morto, é questionada por Freud que entende os “ataques” do escritor russo como resultado de um ataque de convulsões musculares. Implicada nesta interpretação, está a questão da culpa pelo assassinato do pai. Cabe ao leitor questionar se a interpretação freudiana a partir da formulação lacaniana de que, uma demanda de morte endereçada ao próprio sujeito. Ao final do artigo discute-se a culpa na histeria e na obsessão, propondo-se também que a obra literária de Dostoyevski perpassa tanto a criação literária quanto o diagnóstico clínico.

*Palavras-chave:* Culpa; gozo; psicanálise; literatura.

Guilt and Enjoyment, Psychoanalysis and Literature

### Abstract

In this article, a re-reading of the well-known work by Freud, *Dostoyevski and parricide* (1927) is carried out, based on which Lacan makes considerations about guilt made by Lacan in his Seminar V, *The formations of the unconscious*. The supposed epilepsy of the Russian writer, which would have been caused by his identification with his dead father, is questioned by Freud who understands the “attacks” of the Russian writer as a result of a muscle convulsion attack. Implicit in this interpretation is the question of guilt for the killing of the father. However, it is possible to re-read Freud's interpretation from Lacan's argument that a death claim addressed to the death of the subject himself. The end of the article discusses guilt in hysteria and obsession, proposing that Dostoyevski's literary style has to do with the literary creation as well as the clinical diagnosis.

*Keywords:* Guilt; enjoyment; psychoanalysis; literature.

Neste artigo pretende-se realizar uma releitura do conhecido trabalho de Freud (1928/1973), “Dostoyevski e o parricídio”, a partir da articulação que realiza Lacan (1957-1958/1999) sobre a culpa, em seu Seminário V, “As formações do inconsciente”.<sup>2</sup>

No texto freudiano, encontramos a culpa inconsciente, pelo desejo de morte dirigido à figura paterna, como a causa dos acessos histeroepiléticos de Dostoyevski, interpretados como um auto-castigo que o literato impingia a si mesmo através de sua identificação ao pai morto. Ao mesmo tempo, através dessa identificação, encontrava a oportunidade de realização de seu desejo incestuoso. Aqui, onde a identificação tem a dupla função

de morte” que eram consideradas mais aparente, como ataques epiléticos, de convulsões musculares, ataques de consciência, seguidos de profunda sonolência (Freud, 1973, p. 3005).<sup>3</sup> Nesse ponto, Freud entende a epilepsia como um mal do qual Dostoyevski como manifestação de sua condição de escritor russo pudesse ser diagnosticado. A epilepsia era classificada então, como “epilepsia de escritor”.

Os ataques do escritor são considerados ataques epiléticos provenientes de identificações de escala familiar, no caso, o próprio pai de Dostoyevski, que não encaixa no conflito imaginário entre o eu e o id.

de compreensão de certas situações expressas em suas novelas que se explicariam por uma homossexualidade reprimida.

Mesmo antes de seus “ataques epilépticos” se agravarem, a consequência do assassinato do pai, Freud refere na biografia de Dostoyevski, toda uma sintomatologia dos anos precoces da infância do escritor, caracterizada pelo medo da morte, estados melancólicos repentinos e aparentemente imotivados, acompanhados de sono letárgico.

Temos todos os ingredientes, então, de uma neurose histérica grave com uma sintomatologia que acompanhava-se de consequências sérias para a vida de Dostoyevski e para aqueles com quem se relacionava. Sua mulher viveu o drama de uma compulsão do marido ao jogo que por vezes levou-os à ruína, mas, que era, justamente, a condição para que o escritor tivesse seu melhor rendimento como literato. Sendo o mesmo o que acontecia quando de sua prisão na Sibéria que, apesar de injusta, era aceita, inconscientemente é claro, por Dostoyevski, como um castigo necessário (Freud, 1928/1973). Tanto que por essa época, segundo suposição de Freud - contrariando as suposições dos biógrafos e as próprias recordações de Dostoyevski - os ataques deveriam desaparecer, já que o castigo se atualizava pela própria condição de encarcerado.

A produção literária de Dostoyevski não se viu prejudicada por tais revezes da vida, pelo contrário, alimentava-se deles. O que se expressa no fato de uma predileção por temas em que o crime e o castigo andam juntos e em que a psicologia do criminoso, aparece traduzida em suas múltiplas facetas: o delinqüente egoísta, o criminoso político ou religioso e, finalmente, o parricida, criminoso propriamente humano e que marca a existência de todo sujeito (Freud, 1928/1973).

O fio que perpassa todo o drama da vida e da obra de Dostoyevski, é o sentimento de culpabilidade, expresso no conflito entre as instâncias psíquicas do eu e do supereu que, como herdeiro da identificação com o pai, mantém o eu, de forma masoquista, subjugado pela culpa e pela necessidade de castigo. Mas se a necessidade de castigo se

No entanto, gostaríamos de dar uma compreensão da questão da culpa, especialmente ao caso de Dostoyevski, a partir de uma argumentação feita por Lacan (1957-1958/1999) a esse respeito. No Seminário V, “As formações do inconsciente”, Lacan apresenta a estrutura do obsessivo. Elabora a sua visão a partir da crítica a um caso clínico referido por Freud (1950, citado em Lacan, 1957-1958/1999), “Incidências terapêuticas na conscientização do pênis na neurose obsessiva” no qual identifica a função fundamental da paciente o penisneid, ou seja, a identificação com o pênis e a interpretação desse mesmo autorreferencial da paciente fosse simplesmente o de ser pênis.

À parte essa simplificação, também é interessante o caso que, segundo ele, restringiu-se a uma discussão entre o próprio analista ou, mais especificamente, entre o falo do analista com a permissão do paciente, determinou, no melhor dos casos, a continuidade das sessões obsessivas, mas sem culpa.

Queres destruir meu falo de analista, dizias tu, minha parte, o dou a ti. Em outras palavras, a função concebida como o fato de que o analista deve possuir o falo, consente com um desejo de posse fálico que se trata, e uma das provas que pode ser dada é o ponto quase terminal a que parece ter sido dito que a paciente conserva todas as suas fantasias pelo fato de que já não se angustia com elas. (Lacan, 1957-1958/1999, p. 467)

É de se compreender tal crítica, porque o Outro que a culpa se instala e se deleita é o Outro que para que o sujeito se instale em seu lugar, o Outro que o sujeito mantém em seu lugar o Outro que é o Outro em que se identifica imaginariamente o sujeito, de seu próprio desejo o qual se manterá sempre o Outro. A prova disso é que os sintomas obsessivos, mais ainda, segundo Lacan (1957-1958/1999), são sempre os mesmos.

E o que ficou por se analisar, foi a dimensão simbólica representada pelo lugar que o sujeito ocupa em relação ao falo como significante do desejo. Na economia do obsessivo, o falo ocupa, inversamente, um lugar preponderante na constituição de seu desejo (Lacan, 1957-1958/1999).

Na medida em que o desejo vem do Outro, quando a mãe, por exemplo, espera encontrar no filho o falo, o que equivale a dizer que o falo vem do Outro que o deseja no filho, é na relação com esse Outro que o próprio sujeito se constitui. Vale lembrar que esse Outro como lugar da linguagem, é o lugar pelo qual deve passar necessariamente a demanda do sujeito humano (Lacan, 1957-1958/1999). Aí é que se constitui o desejo, aquela hiância entre o que se demanda e o que se visa, pois, o que se demanda através da linguagem é sempre algo que está além da linguagem, mas que somente pode ser vislumbrado por meio da própria linguagem. O Outro, então, é o lugar de onde advém o desejo, o desejo do próprio Outro é o que se visa na demanda, portanto toda demanda é demanda de amor.

A inserção do homem no desejo sexual está fadada a uma problemática especial, cujo traço primordial é que ela deve encontrar lugar em alguma coisa que a precede, que é a dialética da demanda, na medida em que a demanda sempre pede alguma coisa que é mais do que a satisfação a que ela apela, e que vai mais além disso. Daí o caráter problemático e ambíguo do lugar onde se situa o desejo. Esse lugar está sempre para além da demanda, considerando que a demanda almeja a satisfação da necessidade, e no aquém da demanda, na medida em que esta, por ser articulada em termos simbólicos, vai além de todas as satisfações para as quais apela, é demanda de amor que visa ao ser do Outro, que almeja obter do Outro uma presentificação essencial - que o Outro dê o que está além de qualquer satisfação possível, seu próprio ser, que é justamente o que é visado no amor. (Lacan, p. 418)

Poderíamos dizer que a demanda de amor é uma demanda por se ocupar o lugar do desejo do Outro, ou seja, o lugar do falo. No entanto, e isso é o que caracteriza a estrutura neurótica, há um outro falo que é desejado pelo

Outro que se constitui, a partir do Outro (a lei do pai), é o que, na verdade, é apenas um vistoso reflexo, visto que se vislumbra o próprio desejo.

Mas então, se é do Outro que é demandado ao sujeito, uma demanda de Outro, significa a morte do próprio sujeito.

É nisso que reside o dilema da obsessão (1957-1958/1999), é numa denegação a si mesma que o obsessivo exerce a manutenção de seu próprio desequilíbrio, ambivalência, a dúvida e toda a tensão do obsessivo.

Noutras palavras, a morte através de uma demanda de reunião com o próprio sujeito. Deduz-se daí a necessidade de observar a manutenção do Outro, garantia da manutenção de seu eu, quanto forma de inserção de seu eu no mundo, como forma de suplência ao cuidado materno. A mãe do obsessivo, falo esteja do lado do pai, representa um insatisfatório (Dör, 1994).

A culpa aparece, então, como signo de uma oscilação mesma entre ser e desaparecimento do sujeito. O que é evitado por medidas restauradoras, é o Outro em seu devido lugar, defensivos como a denegação.

Mas estávamos a falar de segundo Freud (1928/1972) mesma concepção de culpa que desenvolve a respeito da estrutura do escritor russo?

A culpa não é privilégio de  
ncontramo-la, como podemos  
e Freud, no histérico também

imaginário, das medidas retaliativas do Outro, devem ser referidas a esse desaparecimento do desejo.

Ainda uma outra coisa marca a culpa do obsessivo, é que ela se estrutura fundamentalmente em torno de significantes. Seja através da blasfêmia compulsiva, ou seja através das auto-recriminações ou dos temores em fazer mal a alguém, veja-se “O Homem dos Ratos” (Freud, 1909/1972) é em torno de pensamentos que gira a culpa do obsessivo, em torno de uma cadeia significante em que, ao mesmo tempo que o Outro é atacado, ele é reafirmado como lugar do significante.

Quanto à histeria, como vemos em Dostoyevski, a culpa, estruturalmente falando, deve-se à mesma dialética entre o lugar do Outro e o lugar do sujeito. Quando o sujeito Dostoyevski - se assim podemos denominá-lo - em sua fantasia, coloca-se no lugar do Outro destruindo-o, é ele mesmo que acaba por se destruir. Mas é aqui que encontramos a diferença que marca a culpa do histérico em relação ao obsessivo. Enquanto no obsessivo predominam os pensamentos em torno dos quais o sujeito goza de forma sadomasoquista, no histérico é na angústia e no próprio corpo que se goza. Isso não quer dizer que a culpa do histérico não se articule em torno de significantes. Na histeria o corpo torna-se significante.

Através da identificação histérica, o desfalecimento do Outro reverte-se em desfalecimento do próprio corpo, ou na angústia de um desfalecimento iminente. Desfalecimento de um significante que é o próprio falo marcado por sua detumescência que equivale à castração simbólica.

É interessante notar que é especialmente após a ruína e durante a prisão, como em outros momentos castrativos de sua vida, que Dostoyevski tem seus maiores rendimentos literários.

Não é difícil ver aí o fato de que, ao liberar-se do gozo da culpa, desabrocha em Dostoyevski uma produção significante em que, o desejo corre solto na pena do escritor através de uma cadeia significante em que, como bem notou Freud, vemos a marca de um processo identificatório histerico-prisioneiro. Cria-se, portanto, um mundo que

vem a identificar-se numa posição feminina, de uma mãe completa e sem falha que só é mesclada ao vislumbrar pela falha do pai/algoz em particular.

Por outro lado, a culpa de Dostoyevski, é a necessidade de auto-castigo, sublinhada para o sujeito a pensar que haveria por parte do sujeito uma certa apreensão da lei, e que sua transgressão determinaria o castigo necessário.

Mas o que nos propõe Lacan é que é a necessidade alguma de qualquer referência à lei para que o homem fique literalmente castigado (Lacan, 1957-1958/1999, p. 510).

Mais adiante, Lacan (1957-1958/1999) afirma:

... em se tratando da demanda de morte, é que é a morte que se perfila no horizonte da demanda. Mas o castigo não retira seu impacto daquele lugar como resposta. É que, por razões da estrutura do Outro para o homem, a morte é equivalente à morte da demanda. (p. 510)

Noutras palavras, diríamos que os atos de morte, autor de “Os irmãos Karamazov”, são um exemplo exemplar do que nos diz Lacan. Quando o sujeito faz a demanda a morte do Outro, na figura do próprio que ele mata, confirmando assim o que consta no título da última aula do Seminário V (1958/1999): “Tu és aquele a quem odeia”.

A outra saída para o sujeito indicada por Lacan, nesta direção que a análise deve levá-lo, é que o que não é o falo é, portanto, “...aceitar tê-lo, quando não o tem; não tê-lo, quando não o tem” (Lacan, 1957-1958/1999).

Essa saída, é uma outra saída que não é o prego que o sujeito paga quando não tem o que deseja, mesmo que seja um gozo culpado.

O gozo, então, é o que prende o sujeito.

Assim, diante da Fim da análise, o sujeito

a estratégia que o sujeito adota para evitar a castração e manter o gozo, é que vai configurar seu desejo como um desejo histérico ou obsessivo, ou se esse desejo vai ser subsumido numa negação da castração, tal como acontece nas perversões, ou ainda, no caso das psicoses, se esse desejo nem chega a constituir-se por força da forclusão.

Mas isso tudo é geral, são fatos de estrutura em que o histérico deseja um desejo insatisffeito, ou o obsessivo, um desejo impossível (Lacan, 1957-1958/1999). O que realmente importa é saber como cada sujeito desenvolve sua própria estratégia, qual o seu estilo. É por isso que na clínica psicanalítica se deixa, se pede, se espera que o sujeito fale. Até porque é próprio do sujeito que ele tenha seu estilo quando fala, na transferência.

E é o estilo de Dostoyevski que nos dá alguma luz sobre como funciona a estrutura. Assim, a literatura ensina à psicanálise.

## Referências

Dör, J. (1994). *Estruturas e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Taurus.

- Freud, S. (1973). Análisis de un caso de las Ratas. (L. L. B. Torres, Trad.) *Completas de Sigmund Freud* (Vol. 2, p. Nueva. (Original publicado em 1921).
- Freud, S. (1973). Inhibición, síntoma y a. (J. N. Tognola (Org.), *Obras Completas* 2883). Madrid: Biblioteca Nueva.
- Freud, S. (1973). Dostoyevski y el parroco. (N. Tognola (Org.), *Obras Completas* 3015). Madrid: Biblioteca Nueva.
- Lacan, J. (1985) *O Seminário: livro 20: Texto estabelecido por Jacques Alain Miller, versão brasileira*. Jorge Zahar Editor. (Original publicado em 1977).
- Lacan, J. (1990) *O Seminário: livro 11: Os quatro福音书*. Texto estabelecido por Jacques Alain Miller, versão brasileira. Jorge Zahar Editor. (Original publicado em 1977).
- Lacan, J. (1999) *O Seminário: livro 5: As generalidades*. Texto estabelecido por Jacques Alain Miller, versão brasileira. Jorge Zahar Editor. (Original publicado em 1977).

## Sobre o autor

**Sérgio Scotti** é Psicanalista, Doutor em Psicologia Clínica pela USP com a tese “A Estrutura da Histeria em Madame Bovary”. Atualmente é Professor adjunto do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

# **MESTRADO E DOUTORADO PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO**

---

2003

---

**S**e você é graduado em Psicologia, tem um bom domínio da língua inglesa e deseja se preparar para ser um pesquisador, professor universitário, ou mesmo um profissional de alta qualificação, o Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul é o local que você procura. Oferecemos um ambiente acadêmico estimulante, onde alunos e professores convivem juntos, com dedicação integral ao estudo e à pesquisa. Escreva-nos pedindo mais informações.

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÃO

**UFRGS**

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SUL

**Instituto de Psicologia**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO